

# A CONTESTAÇÃO DE OVÍDIO AOS PRINCÍPIOS MORAIS DE AUGUSTO NAS ELEGIAS DOS AMORES

OVID'S CONTESTATION AGAINST THE MORAL PRINCIPLES OF  
AUGUST IN AMORES ELEGIES

Ana Thereza Basilio Vieira<sup>1</sup>

**Resumo:** *As origens da poesia elegíaca remontam provavelmente à Grécia Antiga, adquirindo certa popularidade no século IV a.C., quando se torna um gênero literário. Em Roma, a elegia se destaca principalmente em fins da República e início do principado de Augusto (séc. I a.C. – séc. I d.C.). São renomados os autores Ovídio, Tibulo e Propércio, que divulgam a elegia em suas diversas facetas: amorosa, sensual, saudosista, etc. A enunciação da amada nos poemas faz com que as cenas se tornem vívidas e calorosas. A busca do amor, intenso, que leva à quebra de qualquer regra é o principal tema de Ovídio, o poeta eternamente apaixonado. Contrário às leis imperiais, o poeta sulmonense se dirige a soldados ou a maridos enganados e belas jovens para afrontar a recém-convocada moralidade augustana. É nesse ambiente que a obra de Ovídio consegue se destacar e ganhar originalidade na própria Roma antiga.*

**Palavras-chave:** *Elegia, Amores, Moralidade, Ovídio.*

**Abstract:** *The origins of the elegiac poetry probably date back to Ancient Greece, acquiring certain popularity in the IV<sup>th</sup> century b.C., when it became a literary genre. In Rome, the elegy stand out mainly in the ends of the Republic and the beginning of August principedom (I<sup>st</sup> century b.C. – I<sup>st</sup> century a.D.). Famous are authors such as Ovid, Tibule and Properce, which spread the elegy in various facets: lovely, sensual, yearning, etc. The enunciation of the beloved in the poems makes the scenes bright and ardent. The search of love, intense, which conducts to the breaking of any rule, is the main Ovid's theme, the eternal lovely poet. Contrary to imperial laws, the poet from Sulmon addresses to soldiers or deceived husbands and beautiful girls to affront the recent convened Augustan morality. It is in this environment that Ovid's works succeed to emphasize himself and conquest originality in the own Ancient Rome itself.*

**Keywords:** *Elegy, Loves, Morality, Ovid.*

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### ***Introdução***

A poesia elegíaca, inicialmente utilizada para tratar de qualquer assunto, passou a ser sinônimo de poesia triste e sombria com o decorrer dos tempos. Primeiramente acompanhada de flauta, aos poucos deixa de se associar à música e se limita a ser recitada ou lida, não abandonando, entretanto, a musicalidade de seus versos escolhidos, e tratando de temas patrióticos ou políticos, louvores e exortações de luto ou dor, mitológicos e, enfim, amorosos. Em todo caso, sempre esteve presente na elegia um caráter sentencioso, moralista ou gnômico. Na Grécia Antiga, não existia como gênero literário propriamente dito, mas havia composições em dísticos elegíacos, formados de versos hexâmetros e pentâmetros, ou seja, respectivamente de seis e de cinco pés, sem unidade de tema. Apenas no século IV a.C., a elegia torna-se uma forma popular de poesia e começa a aperfeiçoar-se como gênero. Tal forma poética começa a apresentar seus primeiros indícios em Roma ainda no final da República, introduzidos pelos poetas Cornélio Galo e Licínio Calvo, cujos fragmentos não conseguem nos fornecer detalhes relevantes sobre si, a não ser o fato de se aterem já a uma temática amorosa. Catulo, o representante máximo da poesia amorosa nessa época, chega a apresentar em seus *carmina* algumas poesias em versos elegíacos e pode-se dizer que três de seus poemas são reconhecidamente caracterizados como elegias: 65, 67 e 68. Entretanto, a poesia elegíaca romana tem relevo durante o reinado de Augusto, o período da chamada *pax romana*, em que avultam três representantes deste gênero: Tibulo, Propércio e Ovídio. Todos escrevem sobre um mesmo tema: o amor, ainda que tratado de formas diferentes, ora ele é sensual, ora é mais comedido ou saudoso.

### ***A formação e a obra do poeta do amor***

Públio Ovídio Nasão, nascido em 43 a. C. em Sulmona e morto em 17 d. C. em Tomos, foi um poeta lírico considerado “talentoso e culto, brilhante e original, refinado, elegante, irreverente e irônico”, segundo Zélia Cardoso (2003, p. 80). Desde cedo se manifesta em Ovídio a vocação poética, que se reforça durante as tradicionais viagens feitas à Grécia, às províncias orientais helenizadas e à Sicília. Progredindo em sua formação, Ovídio se torna um perito na arte de debater e de persuadir; o que se mostra evidente em seus poemas amorosos. Voltando a Roma, frequenta a

alta sociedade e entra em contato com os maiores escritores de seu tempo, entre os quais podemos citar Virgílio, Horácio, Tibulo e Propércio, que ele considera como seus mestres.

Desde cedo Ovídio começa a burilar sua obra, compondo, provavelmente entre 25 e 20 a.C. as *Heróides* e os *Amores*. As primeiras são uma coleção de vinte e uma cartas de amor enviadas entre possíveis pares heróicos ou mitológicos, tais como Penélope a Ulisses, Briseida a Aquiles, Dido a Eneias, Medeia a Jasão ou Paris a Helena, e Hero a Leandro, entre outros tantos. Quanto à segunda composição, de mesmo título de uma obra atualmente perdida de Cornélio Galo, trata-se de uma coleção de elegias, compostas inicialmente em cinco livros, e mais tarde condensadas em três livros, revelando-nos, assim, que elas não seriam apenas uma obra da juventude, mas de toda uma vida, dado ao seu apuramento ao longo dos anos. Diz-nos o próprio autor:

*Qui modo Nasonis fueramus quinque libelli,  
Tres sumus; hoc illi praetulit auctor opus;  
Vt iam nulla tibi nos sit legisse uoluptas,  
At leuior demptis poena duobus erit.*

“Nós que fôramos, outrora, cinco livrinhos de Nasão, agora somos três; o autor preferiu este trabalho àquele (primeiro); e, visto que já não tens nenhum desejo de nos ler, ao menos a tua pena será mais leve com os dois livros suprimidos” (*Amores*, I, Epigramma Ipsius).

Outras composições do poeta são a *Arte de amar*, espécie de suma do tema erótico, *Os remédios do amor* e *Produtos de beleza para o rosto da mulher*, todos compostos talvez no início do século I d.C.. Na maturidade, dedica-se a temas variados como a mitologia nas *Metamorfoses* e as festividades anuais nos *Fastos*. No exílio, longe da mulher, dos filhos e de seus diletos amigos, compõe *Íbis*, *Tristes* e *Epístolas do Ponto*.

### ***A política e a literatura augustana***

Após um longo período de turbulências políticas, conjurações, revoltas, batalhas e guerras civis, assumiu o poder Otávio Augusto, com uma política de restauração da paz e de retomada das antigas virtudes romanas, já tão dissolutas em fins da República. Algumas das prescrições do impe-

rador são o incentivo ao casamento, a perseguição a cultos estrangeiros - tais como o da deusa egípcia Ísis, que representaria uma emancipação feminina e que aludiria à união de Cleópatra com César -, a condenação do divórcio e, sobretudo, do adultério. Para tanto, Augusto cria duas leis: a *Lex Iulia de adulteriis* e a *Lex Iulia de maritandis ordinibus*.

“Corrigiu leis, restabelecendo algumas delas integralmente, tais como a lei suntuária, as leis referentes ao adultério e à pederastia, a lei contra fraude eleitoral, bem como a lei para o encorajamento de casamentos. Ele reformulou e acrescentou emendas a esta última lei de maneira mais precisa e severa do que às outras. Por isso, enfrentou uma oposição tumultuosa do povo, que solicitava a supressão ou a suavização de parte das penas, a concessão do prazo de três anos, a partir da morte da esposa, para que o homem pudesse permanecer sem se casar, e o aumento das recompensas para os casamentos. Apesar de tudo isso, os cavaleiros resolveram exigir obstinadamente, em pleno espetáculo, a abolição desta lei... Ao perceber que a lei perdia sua força e ainda estava sendo burlada, com a realização de casamentos prematuros e a grande troca de esposas, limitou o tempo para que o casamento se consumasse e impôs um limite aos divórcios” (SUETÔNIO, 2003, p. 120-121).

No entanto, nem mesmo o rigor de Augusto impediu que sua própria filha e, mais tarde, sua neta incorressem no crime de adultério, sendo ambas punidas com o exílio e a perda de seus bens, por imposição do próprio imperador.

Um de seus mais dedicados procuradores foi Mecenas, conhecido organizador de um círculo de poetas, capazes de celebrar as glórias e façanhas do imperador. Não é de se admirar que o tempo de Augusto seja conhecido como o auge da literatura latina. Mecenas consegue não só reunir os melhores escritores, como ainda os aconselha na composição de seus trabalhos, todos, é claro, aplicados em se mostrar a serviço do soberano.

Com a revitalização da antiga religião romana estabelecida na República, Augusto procurava restaurar a moral, a paz e a autoridade por todo o Império. As crenças tradicionais receberam um novo impulso, mas isso não impediu que as crenças estrangeiras, já instaladas em Roma há algum tempo, fossem imediatamente abolidas. Ao contrário, os cultos orientais já se tinham estabelecido também no tempo da República e muitos deles vinham sendo constantemente renovados, como o de Ísis. Mas ela não foi celebrada apenas pelo nosso poeta sulmonense, Tibulo e Propércio também mencionam a deusa, para reclamar que as jovens dedicadas a seu

culto devem permanecer longo tempo na castidade. No entanto, não eram só jovens solteiras que lhe propiciavam honras, também matronas da alta sociedade romana, bem como as meretrizes eram suas devotas, todas movidas pela suposta supremacia de Ísis em relação a seu esposo, Osíris, estabelecendo uma relação de superação das mulheres nunca antes notada. Talvez o próprio Ovídio fosse iniciado em seus cultos ou, ao menos, tivesse assistido a algum rito iniciatório.

### ***O espírito de contestação e os Amores***

A sociedade descrita por Ovídio, sobremaneira nos *Amores*, é uma sociedade bem real, mas não se pode dizer o mesmo de sua amada Corina, ou melhor, alguém que foi retratado sob tal pseudônimo. Fato corriqueiro entre os elegíacos era criar um nome fictício para suas amadas que pudessem prestar uma homenagem à sua musa inspiradora, provavelmente alguma poetisa grega. Assim, Corina teria sido uma rival de Píndaro, como a Lésbia de Catulo faz menção à poetisa Safo, de Lesbos, e a Cíntia de Propércio e a Délia de Tibulo são epítetos de Diana. Entretanto, ela provavelmente não é um personagem de carne e osso e, portanto, isso não faz dela um dos amores verdadeiros de Ovídio. Segundo Conte (1999, p. 343): “*Corinna, the woman evoked now and then under a Greek pseudonym, is a tenuous figure, present intermittently ad in limited ways, who, one suspects, did not really exist...*”<sup>2</sup>. Ora, Ovídio fora casado três vezes e confessara em suas obras do exílio que tivera amantes em Roma. Porém, quando o poeta inicia sua obra, ele não faz alusão a mulher alguma; ele se ressentia de querer escrever algo mais sublime, qual uma epopeia, mas falta-lhe a inspiração, como vemos nos versos 19/20: *Nec mihi materia est numeris leuioribus apta,/ Aut puer aut longas compta puella comas* (“Falta-me uma matéria apta a ritmos mais leves,/ ou um menino ou uma menina enfeitada com longas madeixas”). O poeta não apresenta a *servitium amoris*, a servidão a uma mulher amada, mas ironicamente a sua servidão é ao próprio fato de amar: “*It is noteworthy, however, that an entire elegy, and one prominently placed (1, 2) is devoted to the profession of servitium towards Amor: it is no longer the individual woman that is central, but the experience of love itself*”<sup>3</sup> (CONTE, 1999, p. 343). Ovídio possui o

2 “Corina, a mulher citada aqui e ali sob um pseudônimo grego, é uma tênue figura, intermitentemente presente e em passagens limitadas, que, suspeita-se, não existiu de fato...”

3 “É notável, contudo, que toda uma elegia, e uma proeminentemente situada (1, 2), é dedicada à profissão da *servitium* ao Amor: não é mais uma mulher individual que é central, mas a própria experiência do amor”.

*ingenium* – o talento natural –, mas não a *ars*, a técnica. O que leva o poeta a se decidir pelas elegias é a intervenção de Cupido, que o atinge com suas flechas implacáveis. Ainda assim, a figura feminina inspiradora de seus versos surge apenas na terceira elegia, ainda inominada, versos 1/2: *Iusta precor; quae me nuper praedata puella est/ aut amet aut faciat cur ego semper amem* (“Suplico por coisas justas; aquela menina que há pouco me foi dada/ que ela me ame ou faça com que eu sempre ame”). Assim continua na elegia quarta, para ser nomeada apenas no nono verso da quinta elegia, onde ela surge esplendorosa, após uma introdução em que nada leva a crer na voluptuosidade que se apresentará com a chegada de Corina:

*Aestus erat mediamque dies exegerat horam;  
adposui medio membra leuanda toro.  
Pars adaperita fuit, pars altera clausa fenestrae,  
quale fere siluae lumen habere solent,* (5)  
*aut ubi nox abiit nec tamen orta dies;  
illa uerecundis lux est praebenda puellis,  
qua timidus latebras speret habere pudor.  
Ecce Corinna uenit, tunica uelata recincta;  
candida diuidua colla tegente coma;* (10)  
*qualiter in thalamos formonsa Semiramis isse  
dicitur et multis Lais amata uiris.  
Deripui tunicam; nec multum rara nocebat,  
pugnabat tunica sed tamen illa tegi;  
quae cum ita pugnaret tamquam quae uincere nollet,* (15)  
*uicta est non aegre proditione sua.  
Vt stetit ante oculos posito uelamine nostros,  
in toto nusquam corpore menda fuit.  
Quos umeros, quales uidi tetigique lacertos!  
Forma papillarum quam fuit apta premi!* (20)  
*Quam castigato planus sub pectore uenter!  
Quantum et quale latus! Quam iuuenale femur  
singula quid referam? Nil non laudabile uidi  
et nudam pressi corpus ad usque meum.  
Cetera quis nescit? Lassi requieuiamus ambo.* (25)  
*Proueniant medii sic mihi saepe dies!*

“Fazia calor e passara do meio-dia; repousei os membros cansados sobre o leito. Uma parte da janela estava completamente aberta, e outra, fechada, tal como as florestas quase sempre costumam receber sua luz, tal como os crepúsculos reluzem quando

Febo se afasta, ou quando a noite se vai e o dia ainda não nasceu; aquela luz deve ser apresentada às respeitosas meninas, quando o tímido pudor espera ter seus refúgios. Eis que vem Corina, coberta por uma túnica cingida, com sua dupla cabeleira escondendo o ofuscante colo; assim como se diz que a formosa Semíramis se casou e como Laís foi amada por muitos homens. Arranquei-lhe a túnica; que, pouco espessa, não me prejudicava muito, mas, no entanto, ela lutava para esconder-se com a túnica; visto que lutasse como aquela que não queria vencer, não foi dificilmente vencida com sua revelação. Como ficasse diante de meus olhos com o vestido despojado, não havia nenhum defeito em todo o seu corpo. Que ombros, que braços eu vi e toquei! Como a forma dos seios era apta a ser tocada! Como seu ventre era liso sob seu peito regular! Que ancas largas! Que coxa juvenil! Por que falarei de cada coisa? Não vi nada que não fosse louvável e, nua, apertei-a contra meu corpo. Quem desconhece o resto? Repousamos ambos cansados. Que dias assim sucedam para mim com frequência após o meio-dia!”

Ora, além da incontestável volúpia presente na segunda parte do texto, algo nos intriga: quem é Corina? Aparentemente, pela descrição, uma mulher livre, pelo que poderemos notar na elegia 7, onde ela recebe o adjetivo *ingenua* – referente a uma mulher de condição livre. Mas seria ela casada? Provavelmente, como provavelmente era a Lésbia de Catulo. Ovídio escreve nitidamente em termos adúlteros e lascivos, e faz isso justamente após a publicação de Augusto das já citadas leis contra o adultério e a favor do casamento. Estaria aí uma prova da incriminação de Ovídio ao exílio? É difícil crer que tal fato pudesse corroborar para seu banimento dez anos após a divulgação do trabalho. Por causa de sua obra, Ovídio é exilado em Tomos, por um decreto de Augusto de 8 d.C., formalmente acusado de imoralidade. O motivo principal foram os livros da juventude: os *Amores* e *A arte de amar*. Entretanto, dificilmente uma obra escrita tantos anos antes seria o verdadeiro motivo da ira do imperador. Qual o real motivo, então? O mais provável é que o conjunto da obra de Ovídio em Roma fosse o responsável por seu banimento, tendo em vista que toda essa produção girasse em torno de temas semelhantes: a busca do amor, intenso e carnal, prazeroso e vicioso, que leva não só à quebra de qualquer regra mais rígida, mas que ainda pode subjugar o mais poderoso dos homens e torná-lo dependente dos desejos de uma mulher. Ao banir Ovídio, Augusto baniria o representante de um movimento que desafiava a sua política moral. Segundo Grimal (1992, p. 76), talvez Ovídio tenha sido exilado por ter assistido

a ritos interditos a homens, como o da Boa Deusa, ou a ritos mágicos: “É bastante mais provável que Ovídio, cujas crenças pitagóricas estão comprovadas, tenha dado o seu contributo a operações de magia destinadas a predizer o futuro de Augusto”. O próprio poeta lamenta-se, no exílio, que seu crime é devido às suas obras. Diz Ovídio na elegia I, 1 dos *Tristia*:

*Donec eram sospes, tituli tangebar amore,  
Quaerendique mihi nominis ardor erat:  
Carmina nunc si non studiumque, quod obfuit, odi,  
Sit satis: ingenio sic fuga parta meo.*

Quando eu era feliz, alentava-me o amor de um título,  
movia-me o desejo de alcançar renome:  
baste hoje eu não ter ódio à poesia, e me foi  
fatídica; o exílio devo-o ao meu talento<sup>4</sup>.

Na elegia dos *Amores*, o mais cabível é que o poeta desejasse ser provocativo. Das jovens inocentes dos primeiros versos passamos à mulher em sua plenitude, que luta para não ser vencida, mas que, enfim, se entrega aos prazeres carnaís. O mundanismo é a tônica de sua obra de juventude, com todas as suas facetas, é o retrato de uma sociedade tal como se apresentava no dia a dia, sem falso conservadorismo religioso ou moral.

### ***Multiplicidade de temas e de personagens***

O tema amoroso é, certamente, o tema mais tratado nas elegias dos *Amores*, presente no próprio título da obra. No entanto, não é apenas a mulher celebrada; concorrem também para seus cantos os maridos enganados, algum amigo do próprio Ovídio; ou suas elegias podem ainda lembrar algum outro gênero, como a sátira ou a comédia. Porém, um detalhe chama a atenção: a ausência do homossexualismo, presente em outros elegíacos. O que une, então, todos os temas é uma unidade de metro e tom. O dístico elegíaco é o metro escolhido, e a obra recebe a qualificação de “terna, ligeira, doce”, que definem bem um estado de espírito.

Quanto aos personagens, como se viu, são diversos: a mulher amada e o poeta enamorado são os principais, em torno dos quais circula uma gama de figuras curiosas: os rivais (verdadeiros ou imaginários), o mari-

<sup>4</sup> Tradução de José Paulo Paes, In: OVÍDIO, 1997, p. 45.



do, as portas cerradas e os escravos que as guardam, os vigias, as mexeriqueiras imorais, retratadas sob a figura das feiticeiras (outrora elas mesmas as amantes desejadas e agora enrugadas e tristes aproveitadoras da beleza juvenil), e a própria opinião pública, as fofocas, os boatos, quase sempre hipócritas, além de belas jovens e seus servos, tal qual são apresentados, por exemplo, nas comédias, só que com a ausência dos pais. Tudo isso, com certeza, deveria impressionar e seduzir os jovens. Ovídio fala em primeira pessoa, sobre relações amorosas, como se fossem confidências de um jovem poeta, feitas para jovens como ele.

A provocação, no entanto, não para por aqui. A musa passa de objeto de amor à dona de sua vida. Na elegia nona, a luta amorosa continua. O amante é um soldado, alusão aos vários soldados estabelecidos em Roma após a batalha de Ácio e que são figuras constantes pelas ruas da Urbe. Mas aqui os soldados não lutam contra inimigos ferozes. Mais uma vez Ovídio iria de encontro aos ideais de Augusto a favor da restauração das antigas virtudes e a favor da devida honraria aos bravos homens que lutaram por sua pátria: os *virii illustres*. Vejamos a elegia:

*Militat omnis amans et habet sua castra Cupido;  
Attice, crede mihi, militat omnis amans.  
Quae bello est habilis, ueneri quoque conuenit aetas;  
turpe senex miles, turpe senilis amor.  
Quos petiere duces animos in milite forti, (5)  
hos petit in socio bella puella uiro.  
Peruigilant ambo; terra requiescit uterque;  
ille fores dominae seruat, at ille ducis;  
militis officium longa est uia: mitte puellam,  
strenuous exempto fine sequetur amans; (10)  
ibit in aduersos montes duplicataque nimbo  
flumina, congestas exteret ille niues,  
nec freta pressurus tumidos causabitur Euros  
aptaque uerrendis sidera quaeret aquis.  
Quis nisi uel miles uel amans et frigora noctis (15)  
et denso mixtas perferet imbre niues?  
Mittitur infestos alter speculator in hostes;  
in riuale oculos alter, ut hoste, tenet.  
Ille graues urbes, hic durae limen amicae  
obsidet; hic portas frangit, at ille fores. (20)  
Saepe soporatos inuadere profuit hostes  
caedere et armata uulgus inerme manu;  
sic fera Threicii ceciderunt agmina Rhesi*

- et dominum capti deseruistis equi;  
saepe maritorum somnis utuntur amantes* (25)  
*et sua sopitis hostibus arma mouent.*
- Custodum transire manus uigilumque cateruas  
militis et miseri semper amantis opus.*
- Mars dubius nec certa Venus; uictique resurgunt,  
quosque neges umquam posse iacere, cadunt.* (30)
- Ergo desidiam quicumque uocabat amorem,  
desinat; ingenii est experientis amor.*
- Ardet in abducta Briseide maestus Achilles;  
dum licet, Argiuas frangite, Troes, opes.*
- Hector ab Andromaches complexibus ibat ad arma,* (35)  
*Et, galeam capiti quae daret, uxor erat.*
- Summa ducum, Atrides, uisa Priameide fertur  
Maenadis effusis obstipuisse comis.*
- Mars quoque deprensus fabrilia uincula sensit;  
notior in caelo fabula nulla fuit.* (40)
- Ipse ego segnis eram discinctaque in otia natus;  
mollierant animos lectus et umbra meos;*
- inpulit ignauum formonsae cura puellae  
iussit et in castris aera merere suis.*
- Inde uides agilem nocturnaue bella gerentem.* (45)  
*Qui nolet fieri desidiosus, amet!*

“Todo amante combate e Cupido tem seus acampamentos; acredita em mim, Ático, todo amante combate. A idade que é própria para a guerra, é também conveniente ao amor; o soldado velho é ridículo, o amor senil é ridículo. Os vigores que os generais procuram num forte soldado, a bela jovem os procura num companheiro. Ambos passam a noite sem dormir; um e outro repousam sobre a terra. Um guarda as portas da sua senhora, mas o outro guarda aquelas do general; o dever do soldado tem um longo caminho: deixa partir a jovem, e o intrépido amante a seguirá até o limite extremo; irá até as montanhas inimigas e até os rios aumentados pela chuva; caminhará sobre as neves acumuladas, e, quando singrar os mares, não litigará com os violentos Euros e buscará os astros propícios aos navegantes. Quem, a não ser um soldado ou um amante, suportará os frios da noite e as neves acumuladas numa densa nuvem? Um é enviado como observador entre os inimigos hostis; o outro manterá os olhos no rival, como num inimigo. Este se posta diante das grandes cidades, aquele diante da soleira da difícil amada; este quebra as portas da cidade,

como aquele as portas da casa. Com frequência o vulgo aproveitou para atacar os inimigos adormecidos e matar o inerte a mão armada; assim caíram os impetuosos exércitos do trácio Resos e, cativos, abandonastes o dono do cavalo; com frequência os amantes se servem dos sonos dos maridos e movem suas armas contra os inimigos adormecidos. Transpor as forças dos guardiões e as catervas de vigias é sempre o trabalho do soldado e do infeliz amante. Marte é duvidoso e incerto é Vênus; os vencidos se reanimam e caem aqueles que negaras que algum dia poderiam tombar. Mas, que cesse quem quer que tenha chamado o amor de preguiça; o aflito Aquiles anseia por Briseida raptada; enquanto é lícito, Troianos, destruí as forças argivas. Heitor ia dos abraços de Andrômaca às armas, e, aquela, que lhe dava o capacete para sua cabeça, era sua esposa. Diz-se que o mais importante dos generais, Átrida, ficou maravilhado com as madeixas soltas de Ménade, quando viu a filha de Príamo. Marte, surpreendido, também sentiu os grilhões do ferreiro; não houve no céu fábula mais conhecida. Eu mesmo nascera vagaroso e para tranquilos descansos; o leito e a sombra abrandaram meus ânimos; o zelo por uma formosa jovem estimulou o indolente e o levou a prestar serviços em seus acampamentos. Assim, tu me vês ágil e preparando guerras noturnas. Que ame quem não quiser se tornar ocioso!”

O soldado outrora valoroso é aqui ridicularizado; a todo tempo aparecem contrapostas as virtudes militares às virtudes amorosas. É o próprio autor que considera o velho soldado do verso 4 um ser ridículo, já incapaz de sustentar suas armas. Assim também um velho amor é ridículo, igualmente incapaz de se sustentar ou dar prazer a alguém. O amante, contudo, é um soldado devido ao combate travado desde os primeiros instantes, quando tem de superar todos os empecilhos diante da porta amada até o definitivo encontro, onde outra batalha se dará. O que um amante pode fazer ou suportar por sua amada só um soldado experiente poderia aguentar (versos 15/16), pois aquele que ama deve sofrer, outra humilhação para o romano, que jamais deveria demonstrar fraqueza, sequer perante os piores temores. Séculos mais tarde veremos, na Renascença italiana e na poesia portuguesa, retomado o tema do sofrimento amoroso exatamente porque os amantes ainda não estão cientes do que buscam um no outro; desejam sempre mais, sem saber o que é esse “mais”.

Ovídio não hesita em momento algum contar fatos que outros preferem silenciar. Ele possui a arte de descrever ou sugerir sem muita insistência a experiência amorosa, em que *libido* e *fides* se justapõem.

As referências mitológicas são uma constante na obra ovidiana, mostrando um amálgama do mundo real, com evocações à natureza – ventos, animais, flores, folhas – com o mundo mitológico, irreal. Cupido e Vênus estão sempre presentes, frequentemente lado a lado, assim como Marte e Vênus, deuses tutelares de Roma, que bem poderiam justificar os adultérios, justo no momento mais improvável, com as prescrições de Augusto. O mundo imoral dos deuses é o mesmo mundo imoral vivenciado em Roma, que se espanta com o descaramento de Ovídio, mas que aprova suas obras. Como nos revela Viarre:

“A poesia de Ovídio leva o mito a diversos níveis. Primeiro ela empresta um sistema de comparações no qual a realidade se fortifica pelo mito que deve sua eficiência a uma tradição ‘erudita’ contínua, e também às raízes que mergulham nas profundezas longínquas da humanidade. Além disso, ela representa através do mito os problemas fundamentais da humanidade” (VIARRE, 1976, p. 145)

A erudição do poeta não se atém às referências mitológicas, evidentemente bem mais marcantes nas *Metamorfoses*; as alusões à *Ilíada*, de Homero, são nítidas a partir do verso 21, com uma sucinta narrativa às peripécias de seus heróis principais: Resos, célebre por seus cavalos de excepcional velocidade (v. 23), Aquiles e o rapto de Briseida, sua favorita (v. 33), Andrômaca e Heitor (v. 35) e, finalmente, Príamo, pai de Cassandra, igualmente raptada (v. 37), menções quase sempre referentes a ardentes relações amorosas, propósito primordial de Ovídio nessa obra.

### ***A superação do modelo***

Muito se tem falado sobre a questão da *imitatio* no mundo antigo. Os romanos prezavam revelar suas fontes, seus antecessores e inspiradores para dar-lhes maior credibilidade e mostrar sua erudição, afinal a crítica literária clássica se prendia a uma referência ideal. Já vimos que algumas das personagens ovidianas em muito se assemelham às das comédias gregas e latinas. Mas não é apenas o teatro que serve de inspiração a Ovídio: os heróis das epopeias e das tragédias também lhe são muito caros, além das poesias amorosas alexandrinas e dos *neoteroi*. É nítida a semelhança da elegia II, 6 de Ovídio com o lamento de Catulo pela morte do pássaro de sua amada, invocado nos poemas 2 e 3 de seus *Carmina*. Enquanto este chora por aquele que foi um dia a alegria da jovem, com quem ela brincava

em seus momentos de ócio, mais querido que seus próprios olhos: *Passer mortuus est meae puellae,/ passer, deliciae meae puellae,/ quem plus illa oculis suis amabat*, (vv. 4-6) (“O pardal da minha amada está morto,/ o pardal, delícias de minha amada,/ a quem ela amava mais que a seus olhos”), Ovídio transforma o pardal em papagaio:

*Psittacus, Eois imitatrix ales ab Indis,  
occidit; exsequias ite frequenter, aues;  
ite, piaie uolucres, et plangite pectora pinnis  
et rigido teneras ungue notate genas* (vv. 1-4)

“O papagaio, pássaro imitador das Índias orientais,  
morreu; levai exéquias em grande número, aves;  
ide, pios voláteis, batei no peito com as penas  
e marcai as delicadas faces com a dura unha”

Era comum encontrarem-se epitáfios para os animais de estimação de pessoas mais abastadas. Catulo faz uma paródia a esses epitáfios e, Ovídio, ao fazer a sua *imitatio*, procura superar seu predecessor nesse tipo de paródia. O seu papagaio é chorado por todas as outras aves existentes na terra e nos Campos Elíseos, antes destinado apenas às almas puras dos homens e heróis, e agora igualmente consagrado às aves puras, cada uma delas com um significado próprio: os cisnes são uma alusão à harmonia do canto; a fênix, à imortalidade da alma; o pavão, à miscelânea elegíaca e as pombas, ao amor (cf. NÉRAUDAU. In: CATULLE, 2006, p. XX):

*Illic innocui late pascuntur olores  
et uiuax phoenix, unica semper auis;  
explicat ipsa suas ales lunonia pinnas,  
oscula dat cupido blanda columba mari.* (vv. 53-56)

Ali, por amplo espaço, se alimentam os cisnes inocentes  
e a vivaz fênix, sempre ave única;  
o próprio pássaro de Juno abre suas penas,  
a branda pomba beija ao cobiçoso marido.

Ovídio ainda segue transitando entre antigos e novos modelos em sua obra. Seus poemas fazem ressoar ecos de autores como Píndaro, Calímaco, Tibulo, Propércio, Cornélio Galo, entre outros. No entanto, como vimos, Ovídio não se contenta em apenas seguir seus modelos, ele os refaz e lhes dá novo ar. Paratore (1987, p. 502) é bastante contundente a esse respeito: “Não

se contenta nunca com reelaborar, com fina sobriedade, uma passagem dum modelo, como tinham o costume de fazer os seus antecessores imediatos, mas quer ensacar versos e versos da sua autoria sobre a sugestão alheia...”

Apossando-se ou refazendo ideais literários, atacando mordazmente a suposta moral romana, Ovídio, ao menos em suas obras primeiras, é o poeta das paixões, das alusões tentadoras, da reflexão marginal e, ao mesmo tempo, das recordações eruditas. Sua experiência, vivida ou imaginada, pouco importa, reflete a vida da sociedade romana tal qual a poderíamos encontrar pelas ruas da cidade, nas grandes festas e dentro do próprio lar de Augusto. A vida pública, com suas manifestações diárias, é a melhor fonte para um elegíaco e é por isso que a elegia erótica se transforma em um espelho da sociedade romana do século I d. C., mesmo com as restrições morais.

A figura da pessoa amada, do outro, é algo indefinível com que o poeta – e a humanidade – sonha em fazer um troféu de vitória, tão fugaz quanto a figura de Corina, escolhida para representar a mulher desejada, ideal. O potencial triunfador passa a ser o espólio da batalha amorosa, como vimos na elegia I, 5, e o erotismo é a redução do outro ao espólio.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CATULLE. *Poésies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Introduction de Jean-Pierre Néraudau. Paris: Les Belles Lettres, 2006.
- CONTE, Gian Biaggio. *Latin literature: a history*. Maryland: John Hopkins University Press, 1999.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Tradução de Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1992.
- LACEY, W. K. *Augustus and the principate. The evolution of the system*. Great Britain: Francis Cairns, 1996.
- LYNE, R.O.A.M. *The Latin love poets. From Catullus to Horace*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- OVIDE. *Les amours*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 2005.
- OVÍDIO. *Poemas da carne e do exílio*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Tradução de Manuel Losa, S. J. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Apresentação de Carlos Heitor Cony e tradução de Sady-Garibaldi. São Paulo: Ediouro, 2003.  
VEYNE, Paulo. *A elegia erótica romana*. Tradução de Milton M. Nascimento e Maria das Graças S. Nascimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.  
VIARRE, Simone. *Ovide: Éssai de lecture poétique*. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

*Recebido em: 03/12/2013. Aceito em: 21/03/2014.*